



## **Luiz Costa Lima e a luta contra os anjos**

Antes de mais nada, queria agradecer os organizadores desta Jornada pelo convite para apresentar o Prof. Luiz Costa Lima, cuja obra e trajetória intelectual fazem dele uma grande referência entre nós no campo dos estudos literários. Professor emérito do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sua atuação se faz marcante nas áreas da teoria da literatura, história e crítica literária, literatura brasileira, teoria e filosofia da história, história dos discursos.

Ele é autor de uma extensa obra, com mais de vinte livros publicados, e reconhecida também internacionalmente, quer pela tradução de livros seus em outras línguas, quer por ser objeto de seminários e publicações em universidades estrangeiras. Ante sua obra, penso que talvez se possa apresentar Costa Lima como alguém que tem lutado denodadamente contra os anjos. Essa metáfora me foi sugerida por Stuart Hall, em seu ensaio sobre o legado teórico dos estudos culturais, no qual postula a atividade teórica como uma luta contra os anjos. Leio a sua metáfora no sentido de uma luta contra os conceitos. Com efeito, pensar teoricamente é pensar contra os conceitos e as teorias que suportam. Implica um trabalho de apropriação crítica dos conceitos, tendo em vista que as formulações conceituais, enquanto instância do enunciável, do dizível, dobram-se sobre o visível, uma vez que estão conectadas com um fora do pensamento, com relações de forças que atuam no mundo histórico e social. Em termos genealógicos, essa luta contra os conceitos se faz sobretudo historicizando-os, explicitando o solo discursivo e histórico de sua emergência, as relações de forças que condensam, de modo a operar rupturas e desvios no campo teórico e intervenções no mundo da práxis social, política e cultural. Especialmente quando levamos em conta os momentos de desterritorialização e de reterritorialização dos conceitos, visto que as teorias viajam no tempo e no espaço, itinerância capaz de agregar-lhes novas significações, de legitimá-las ou negá-las.

Na obra de Costa Lima podemos encontrar testemunhos eloquentes dessa luta interminável contra os conceitos, a exemplo das categorias de *mimesis*, ficção, sujeito, autobiografia, estética, entre outras. Destaco especialmente seu enfrentamento cerrado e sistemático do conceito de *mimesis*, como se pode ver tanto num ensaio como “Representação social e *mimesis*” (1981), quanto em livros como *Mimesis e modernidade* (1980), *Vida e mimesis* (1995) e *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000). Nesse combate, a par de seu lastro multidisciplinar marcado por rigoroso diálogo com saberes afins à teoria literária, tais como filosofia, história, sociologia, psicanálise, antropologia, revela-se um traço importante da reflexão teórica de Costa Lima: uma aguda compreensão de que o pensamento é constitutivamente inacabado, de que é impossível totalizar e fechar um conceito entregue ao seu devir histórico, transformando-o em um ente meta-histórico. É o que demonstra a retomada, ainda que lateral às vezes, da própria noção de *mimesis* em livros posteriores, a exemplo de *História. Ficção. Literatura* (2006), *A ficção e o poema* (2012) e *Frestas: a teorização num país periférico* (2013). Esse caráter inacabado do pensamento teórico-crítico, marcado por avanços e recuos, retornos e ritornelos, repetições em diferença, parece encontrar no título de um de seus últimos livros recém-publicado uma metáfora contundente; trata-se de *O insistente inacabado* (2018), que lança ainda um olhar crítico sobre o lugar e o papel da Teoria no mundo contemporâneo.

Para finalizar esta apresentação de Luiz Costa Lima, peço licença ao nosso convidado e homenageado com esta Jornada, para mencionar uma parte de sua trajetória pessoal e profissional, que procura manter em reserva. Mas vou me valer de algo revelado por ele mesmo no texto de abertura de *Frestas*, intitulado “De olhos vendados”. No atual contexto de negacionismo histórico, para muitos de nós distópico, em que o pensamento crítico, as humanidades e as universidades foram erigidas como inimigos ideológicos do governo estabelecido, a minha possível indiscrição talvez faça sentido. Principalmente se considerarmos o contingente de jovens estudantes de Letras que entraram agora na Faculdade, alguns presentes neste auditório, e aos quais foi negado o acesso a uma parcela ainda doída e traumática da nossa memória histórica mais recente. Quero me referir ao fato de que a luta de Costa Lima contra os anjos se deu em boa parte sob os anos de chumbo da ditadura civil-militar vigente à época. Nos anos 60,

ao ingressar na carreira do magistério superior como professor assistente da Universidade Federal de Pernambuco, ele trabalhou com Paulo Freire no Serviço de Extensão Cultural, dando aulas para professores que levariam avante o projeto de alfabetização proposto pelo nosso mais ilustre pedagogo, ocasião em que se engajou nas lutas pela transformação das estruturas de nossa sociedade profundamente desigual e autoritária, avessa à reflexão teórica e crítica. Por conta desse seu engajamento político dentro do âmbito acadêmico e intelectual, com o golpe de Estado de 1964, ele foi, como tantos outros professores, “preso e demitido sumariamente da Universidade”, o que o forçou a um exílio interno em outra cidade do país. Posteriormente, em 1972, foi preso mais uma vez e liberado poucos dias antes de defender sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo.

Para muitos jovens que, como eu, havíamos entrado na universidade no início dos anos 70, a reflexão teórica de Costa Lima nos garantiu um espaço para o pensamento crítico e o uso rigoroso dos conceitos, como forma de pensar não somente o texto literário, mas também a sociedade em que vivíamos, seu desencontro com a democracia, e ainda o lugar do intelectual e da teoria nela, como forma de resistir aos tentáculos do arbítrio e da opressão ditatorial reinante. Por isso, podemos aqui e agora reconhecer e agradecer seu legado teórico, ainda em construção, que certamente nos será de grande valia também hoje, nos estimulando a pensar intempestivamente contra o presente, contra os conceitos. Um pensar capaz de produzir pontos singulares de resistência a novas formas de intolerância, arbítrio e opressão.

Reinaldo Marques (UFMG/CNPq)